

---

AMARAL, Ana Filomena Leite

*Maria de Lourdes Pintasilgo: os anos da Juventude Universitária Católica Feminina (1952-1956).*

Coimbra: Almedina, 2009, 270 p.

DAVID SOARES

Esta obra é fruto de uma dissertação de mestrado em História Económica e Social Contemporânea defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A autora apresenta como objecto de estudo Maria de Lourdes Pintasilgo e situa o seu trabalho entre os anos de 1952 e 1956, período durante o qual Maria de Lourdes Pintasilgo presidiu à Juventude Universitária Católica Feminina (JUCF) e organizou, em conjunto com Adérito Sedas Nunes, o I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica (JUC) subordinado ao tema «O Pensamento Católico e a Universidade».

O trabalho começa por uma resenha biográfica de Maria de Lourdes Pintasilgo em que se constata um percurso de vida singular e variado marcado pela relação entre a dinamização de movimentos e actividades sociais e cívicas e a concretização de valores cristãos. A partir da descrição da vida de Maria de Lourdes Pintasilgo a autora partiu para a sua análise, circunscrevendo-a no período já referido em torno de dois eixos constitutivos, a partir dos quais o itinerário da obra se desenrola: religião e universidade.

No que diz respeito à religião, a autora traça um panorama histórico das relações entre a Igreja Católica e o Estado Novo no século XX, apresentando posições e funções sociais de ambas as instituições em duas balizas cronológicas consideradas fulcrais: 1926-1940; e pós-II Guerra Mundial. Segundo a autora, apoiada em historiografia recente, entre 1926 e 1940 as relações entre a Igreja e o Estado conheceram um progressivo apaziguamento fruto de um regime concordatário de separação reforçado pela Constituição de 1933. Após a II Guerra Mundial, este cenário reconfigurou-se com a estruturação do movimento católico em ordem à reconquista cristã da sociedade.

Neste projecto de mobilização religiosa, a constituição da Acção Católica Portuguesa (ACP) foi fundamental. Conforme aí se explicita, dois factores favoreceram o seu aparecimento: em primeiro lugar, o confronto com o radicalismo republicano que favoreceu o carácter político e religioso da união dos católicos e, em segundo lugar, as orientações e a actuação do papa Pio XI que ganharam um novo impulso a partir do Concílio Plenário Português (1926). Deste modo, a investigação deixa entrever que a criação da ACP em 1933 surge num contexto de restauração católica que, dando continuidade ao movimento católico já existente, queria ver reforçada a autoridade episcopal como resposta àquilo que se achava ser a descristianização da sociedade. Num mundo em que o reconhecimento da religião estava em causa como ingrediente ou condimento constitutivo da realidade social, a ACP era um instrumento eficaz de intervenção social ao mesmo tempo que marcava uma posição perante as manifestações hegemónicas do Estado. Para concretizar esta estratégia pastoral, a ACP era encarada como um corpo orgânico e hierarquicamente estruturado que se compunha de organismos especializados que agiam em nome

da Igreja Católica nos diversos sectores da vida social. A autora analisa esta influência católica e juvenil durante a chamada “época dos congressos” onde emergiu uma nova geração de católicos que marcam o período do pós-guerra, mais precisamente a partir de 1948, data do arranque do I Congresso Nacional de Professores Primários. No decorrer desta “época”, a autora centra-se no célebre Congresso da JUC de 1953, analisando-o enquanto espaço de formação de dirigentes e de divulgação de ideais que teve em Maria de Lourdes Pintasilgo um paradigma e uma força social.

No entanto, a autora não mergulha nesta análise sem antes fornecer ao leitor uma abordagem assumidamente sucinta da formação e dos objectivos da JUC/JUCF a partir da análise e do confronto dos estatutos desta organização juvenil nos seus ramos masculino e feminino. Realçando o facto de constituírem dois organismos autónomos, destaca momentos marcantes de ambos, as suas aproximações a associações religiosas femininas da época e a movimentos internacionais como a Pax-Romana e, em particular, o Movimento Internacional de Estudantes Católicos (MIEC).

No que diz respeito ao eixo universidade, marcante enquanto auxiliar de compreensão do seu objecto de estudo, retrata-se o universo académico da década de 50 do século XX, em consonância com o evoluir da situação socio-política em Portugal. A universidade consolidava desigualdades sociais, uma vez que o acesso ao ensino superior era «*muito dificultado e restritivo, o que leva a uma reduzida população universitária, quer em termos absolutos, quer em termos relativos, quando comparada com o contingente demográfico português*» (p. 61). Na reduzida população universitária portuguesa, constata-se ao longo dos anos uma evolução estatística no número de alunos a favor das mulheres. Segundo a autora, «*As mulheres encaravam a entrada na universidade, como a libertação da casa e da família*» (p. 63).

Pela leitura da obra, o leitor poderá verificar que, apesar da afluência feminina crescente ao longo do tempo, o sistema educativo português nos anos de 1950 – sobretudo em Lisboa, Porto ou Coimbra –, era tido como um lugar privilegiado para a difusão da doutrinação político-ideológica do regime e a universidade funcionava como um lugar onde os organismos da Igreja Católica, entre outros, constituíam agrupamentos circum-escolares (JUC/F, CADC) de cunho católico. Para o catolicismo, disputava-se na universidade a capacidade de influência social da Igreja Católica, donde era fulcral a formação de uma elite geracional que liderasse e enquadrasse próximas gerações num projecto mobilizador de restauração nacional do Estado Novo. Deste modo, viveu-se em 1956/57 uma tensão no meio universitário composta por momentos de reacção e de contestação estudantil em torno do controle governamental sobre organizações e associações estudantis. Nestas manifestações transparecia a problemática da representação universitária na sociedade: se mais ou menos cívica, se mais ou menos estatal. Conforme assinalou a autora, a universidade «*constituía, para os estudantes, uma instituição invulnerável e o momento de maior crítica foi precisamente o Congresso da Juventude Universitária Católica em 1953*» (p. 66).

Subordinado ao tema «O Pensamento Católico e a Universidade», o I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica teve lugar em Abril de 1953, tendo sido Maria de Lourdes Pintasilgo nomeada presidente-geral da JUCF em 1952. Em conjunto com Adérito Sedas Nunes, presidiu ao congresso que resultou de um trabalho preparatório, protagonizado pelos sectores feminino e masculino do movimento, contendo princípios gerais, finalidades, uma estrutura organizativa, aspectos de natureza operacional e as respectivas intervenções. Pela sua importância na compreensão social e política de Maria de Lourdes Pintasilgo, o trabalho de

---

investigação debruça-se sobre as vertentes acima enunciadas, para além de percepcionar a recepção do congresso na imprensa periódica da época, nomeadamente nos jornais «*O Século*», «*Diário de Notícias*», «*Novidades*» e «*A Voz*».

Como este estudo deixa transparecer, o congresso constituiu um momento de formação de dirigentes, divulgação de ideais e de propostas de reformas. Esta manifestação de dinamismo inquietou o poder político e teve impacto nas próprias organizações católicas, uma vez que também estava em jogo a liberdade de actuação da Igreja Católica na universidade através da prática do apostolado intelectual pelo estudante universitário. A atenção à sua situação concreta motivou as direcções gerais da juventude universitária católica a promoverem um inquérito, no âmbito do congresso, ao conjunto dos estudantes universitários, de modo a aferir a sua opinião sobre a realidade social e a condição universitária. Esse instrumento preparatório do congresso foi, desde o seu processamento até à verificação de resultados, objecto de análise pela autora.

A investigação que esteve na base deste estudo encontrou a sua sustentabilidade numa definição precisa do objecto de trabalho, na combinação entre fontes manuscritas e impressas e num reportório bibliográfico sólido. O recurso a entrevistas de protagonistas da época e o uso da internet como instrumento auxiliar permitiu complementá-la. Nela, o leitor poderá encontrar quadros comparativos de conteúdos, estatísticas e citações bibliográficas de uma variedade de autores que permitem a abertura de horizontes de investigação. Os anexos permitem o contacto com a documentação histórica, com biografias e depoimentos. As biografias em conjunto com o elenco de personalidades ao longo da obra revelam-se úteis para constituir uma rede de relações que forneça um quadro sociológico essencial para a compreensão do catolicismo social da segunda metade do século XX.